



## **A representação do ressentimento social: As manifestações de 2013 pela perspectiva da Revista Veja<sup>1</sup>**

Igor Aparecido Dallaqua PEDRINI<sup>2</sup>  
Jociene Carla Bianchini FERREIRA<sup>3</sup>  
Wilton MARCIANO<sup>4</sup>

Universidade do Estado de Minas Gerais UEMG – MG e Faculdades Adamantinenses Integradas FAI – SP.

### **RESUMO**

Este artigo parte da possibilidade da representação do ressentimento social pelos dispositivos de comunicação. Para tanto, se estudou as Manifestações de Junho de 2013 no Brasil. Foi eleito como objeto de estudo a revista Veja no período de junho a julho daquele ano. A partir da análise de conteúdo, foi possível levantar várias categorias de análise que assinalaram as representações do ressentimento social. Como resultado, foi mostrado as figuras nas quais o ressentimento social é articulado e representado em um dispositivo de comunicação, bem como, suscitou novas problemáticas para estudos posteriores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ressentimento social; manifestações; Revista Veja.

### **APRESENTAÇÃO**

Este artigo parte de um problema aparentemente simples: o ressentimento social pode ser representado pelos dispositivos de comunicação?

O hipotético sim sugere um aprofundamento bem maior à temática. Afinal, vislumbra-se um sentimento com muitas figuras que desembocam em vingança, inveja, resignação ou melancolia. Tantas imagens ou cenas encarceram o ressentimento social em uma caixa secreta, bem guardada pela incerteza.

O pressuposto sim ainda revela outra questão, a comunicação deve se preocupar com o ressentimento social? Uma suposição afirmativa requer um arsenal teórico e metodológico que é usado para trazê-lo à tona e, depois, verifica-se quais relações ou modificações este pode ou não trazer às dinâmicas da comunicação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Publicitário, Doutorando em Educação pela UFU, *e-mail*: ia.pedrine@gmail.com.

<sup>3</sup> Jornalista, Doutora em Educação pela UFU e professora do curso de Jornalismo da UFMT, *e-mail*: jocienebf@gmail.com.

<sup>4</sup> Publicitário, graduado pela UEMG-Frutal, *e-mail*: wiltonmarciano@gmail.com.



Por isso, longe de se esgotar o tema, o objetivo deste artigo é elencar as bases teóricas e metodológicas para o estudo do ressentimento social pelo viés da comunicação.

O ressentimento social, de modo geral, é um afeto que nasce quando, em uma esfera comum, os indivíduos se reconhecem com igualdade e com direitos iguais e, por alguma razão, não têm essa promessa garantida. Por conta disso, se colocam em condição de vítimas, direcionando a determinado grupo a responsabilidade por sua própria condição. Um exemplo disso, como é abordado neste trabalho, é a esfera democrática.

Estudar o ressentimento social no momento atual do país é fundamental. Tanto para evidenciar um discurso de vitimização que tem sido construído no campo político, quanto para a cultura e a comunicação, como bem assinala Caune (2014), sendo que essa enunciação é o próprio universo de percepção e significação dos indivíduos.

Percorrer este caminho é considerar o ressentimento social como uma categoria de análise manifesta, como é demonstrado neste trabalho, mas ainda carente de profundidade junto aos produtos culturais, seja nas obras de ficção, publicitárias ou jornalísticas.

Para demonstrar o ressentimento social, buscou-se um acontecimento em que supostamente suas figuras e cenas poderiam vir à tona, por isso, a escolha das manifestações sociais de Junho de 2013, ocorridas no Brasil. De fato, uma manifestação social não tem nada de ressentimento, porém, são nesses atos que ações advindas do ressentimento são demonstradas e passíveis de ser representadas pelos dispositivos de comunicação. A partir de Debray (1993) e o conceito de *Midiologia Cívica*, elegeu-se a revista *Veja* como objeto de estudo, quando da cobertura das manifestações sociais ocorridas no país em 2013, foram selecionados as edições 2326, 2327 e 2328, que englobam o período de junho e julho daquele ano.

O esforço é necessário, por se viver um momento em que as manifestações sociais são uma constante nesses tempos democráticos, o que para Ansart (2004, p. 17), tem o ressentimento como a “base do igualitarismo democrático destruidor, na raiz dos movimentos populares, socialistas e anarquistas”, uma perspectiva semelhante à de Kehl (2004) e Scheler (1944).

Além disso, é comum encontrar as figuras do ressentimento em obras de ficção, em anúncios publicitários, em textos jornalísticos, na política, no cerne da própria história da humanidade. Contudo, é no contexto imediato que a temática ganhou



destaque. Seja por conta de obras que tentem aproximá-la do grande público, como *A Era do Ressentimento*, de Pondé (2014), seja pelo uso das máscaras do personagem V de Vingança usadas em manifestações em todo o globo, só para citar alguns exemplos.

Como resultado da análise desse estudo se arregimenta cada vez mais a problemática de que a publicitação das figuras do ressentimento social nos dispositivos de comunicação possa gerar uma calma às tensões sociais.

## **O ressentimento social**

Buscar uma definição para o que seja o ressentimento social é caminhar por terrenos movediços. O constructo está ancorado na ideia de ressentimento para psicologia, encrustado no devir histórico e político, respectivamente como memória e ação. Porém, é na base filosófica do conceito que talvez seja possível percorrer todo esse campo sem patinar ou afundar.

É Nietzsche (2009) quem vai estabelecer os primeiros pilares para um conceito de ressentimento social. Em *a Genealogia da Moral*, o pensador busca a essência construtora da moral a partir, conforme Paschoal (2008), das ideias de Dühring sobre a relação do ressentimento e justiça.

O resultado são dois tipos de seres morais, o do senhor, que é dominante e tem consciência de seu próprio valor moral e, por isso, se diferencia dos seus pares; e o do escravo, na condição de desprovido de um poder qualquer que, incapaz de esboçar qualquer reação a um agravo, se ressentido e passa a criar os seus valores morais a partir de uma comparação de sua condição com a do senhor.

A ilustração dessa relação recai sobre a moral cristã. É esse o ponto que leva o filósofo Max Scheler (1944) a reconstruir e avançar com os estudos sobre o ressentimento.

Para o autor, o ressentimento social nasce a partir de uma promessa de igualdade que, não cumprida, “em uma arena simbólica” (SCHELER, 1944, p. 28), um espaço que permita a comparação entre os iguais, leve o ressentido a inculpar o outro pelo próprio agravo.

Maria Rita Kehl (2004) defende que o ressentimento seja mais do que um caso clínico nos tempos atuais, mas um problema emergencial da política.



São os casos em que a igualdade é oficialmente reconhecida, mas não obtida na prática que produzem o ressentimento na política. É preciso que exista um pressuposto simbólico de igualdade entre opressor e oprimido, entre rico e pobre, poderoso e despossuído, para que os que se sentem inferiorizados se ressintam (KEHL, 2004, p. 17).

É substancial, partir da hipótese de que o ressentimento possa ser utilizado como tranquilizante das tensões sociais, pelo aspecto do ressentido não desejar a destruição do objeto de ódio, porém, desejar que ele dure o suficiente para que possa castigá-lo com o mesmo agravo ou se beneficiar dele. Como aponta Kehl (2004, p. 210) “O ressentido deseja a ordem – por isso é compatível com o conservadorismo – contanto que possa beneficiar-se dela, nem mesmo que seja na condição de vítima”.

Aqui se estabelece um primeiro contorno para que seja possível verificar o ressentimento social, a vitimização do indivíduo.

### **Vitimização, democracia e as manifestações de Junho de 2013**

Em seu ensaio sobre a vitimização, Pascal Bruckener vê o ressentimento como um dos mecanismos que leva o homem a condição de vítima. “É numa sociedade igualitária que o sucesso de uma minoria e o marasmo dos outros são intoleráveis: já que somos semelhantes, essa superioridade é um escândalo” (BRUCKNER, 1997, p.36).

O motivo para tanto, Ansart revela: “Se somos vítimas de indivíduos que nos prejudicam e ferem nossas liberdades, experimentamos e estimamos que estes indivíduos sejam malévolos, enquanto nós seríamos os bons” (ANSART, 2004, p. 21).

O ressentimento social só floresce em um contexto comum, onde as pessoas se reconhecem como iguais. De certo modo, parece ser o mesmo terreno de igualdade que prega a ideologia democrática.

O regime democrático é, na verdade, o regime que, contrariamente aos regimes autoritários ou absolutistas, possui a vocação de ouvir os ecos dos ressentimentos, dar-lhes um certo direito de expressão, nos limites das leis, e favorecer a superação dos ódios pela discussão e pelas concessões. Os ressentimentos têm um lugar, um papel no mecanismo político: por exemplo, a *manifestação pública* constitui-se em um procedimento legalizado de expressão dos descontentamentos e uma ameaça simbólica aos representantes que permanecem indiferentes a esta expressão (ANSART, 2004, p.28).



De fato, a manifestação pública não é um ato de ressentimento social. Porém, é um momento em que os *ecos dos ressentimentos* tomam corpo discursivo. O momento da manifestação parece ser um instante livre, anárquico até para as paixões e os sentimentos. Essa ideia está ancorada ao conceito de Zona Autônoma Temporária (ZAT), definida por Bey.

Hakin Bey (2004) não define o conceito de ZAT, prefere circundá-lo. Dessas voltas, diz que a ZAT “é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se refazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la” (BEY, 2004, p. 6).

Ao espiar por essa fresta, se aceita entrar em um jogo de perseguição em que nunca se pega o oponente, para Bey (2004, p.6) “assim que a ZAT é nomeada (representada, mediada), ela deve desaparecer, ela vai desaparecer, deixando para trás um invólucro vazio, e brotará novamente em outro lugar, novamente invisível, porque é indefinível pelos termos do Espetáculo”.

A ZAT é obsolescente, por isso, pode ser considerada como um momento, um instante. Pela sua natureza fugaz, somente um registro pode mostrar os ecos do ressentimento.

Já nos distanciamos dois anos das manifestações de junho de 2013. Trabalhos como de Ribeiro (2014), Cammaerts (2013) e Peruzzo (2013), por exemplo, tendem a explicitar o Junho de 2013 no país, tanto como uma leitura a partir das manifestações francesas de 1968, quanto à mediação.

Por conta disso, vale nos apoiar no conceito de Midiologia Cívica. Debray (1993, p.323), ao explicitar uma midiologia cívica, desenha um triângulo de interdependência entre uma técnica de transmissão – *médium dominante*, função simbólica e modo de dominação. Uma figura geométrica construída para equilibrar e conter opiniões, a serviço de um Estado, um Leviatã.

Ainda que Debray (1993) faça alusão a Hobbes e à imagem de seu Leviatã para se referir ao Estado dominador, cabe uma atualização ao conceito. Para Atílio Bóron<sup>5</sup>, considerando a globalização e a existência de conglomerados empresariais, afirma que: os Leviatãs, agora são muitos, e não só um, como queria o filósofo político [Hobbes]. E,

---

<sup>5</sup> Atílio Bóron é cientista político e sociólogo argentino. Com uma perspectiva socialista e marxista, tem um arsenal crítico acerca das relações do sistema neoliberal de capitalismo. No trabalho citado, o autor trava um diálogo com Thomas Hobbes, com intuito, de uma perspectiva contratualista, reavaliar o cenário do poderio do sistema vigente.



mais importante ainda, esses Leviatãs são privados, são as grandes empresas que, nas últimas décadas, garantiram o seu predomínio nos mercados mundiais. (BÓRON, 2009, p. 38).

Se para Debray (1993), o Estado se entrega aos *media* para valer o seu discurso, pode-se dizer que isso também é válido para os *novos Leviatãs*.

Sumamente, as manifestações de Junho de 2013, pairaram sobre os altos gastos governamentais nas obras para a realização da Copa do Mundo no Brasil, enriquecimento de grandes empresas, corrupção e aumentos de tarifas.

### **O percurso metodológico**

As manifestações de Junho de 2013 receberam vários olhares da mídia. Para este trabalho, baseado sobre a midiologia cívica, estabeleceu-se a cobertura dada pela revista *Veja* ao acontecimento. Por conta disso, foi abarcado o período de publicações de 12 de junho a 17 de julho de 2013.

Como arsenal-metodológico foi utilizado a análise de conteúdo, articulou-se Bardin (2011) e Fonseca Jr. (2011). Para que se pudesse traçar as categorias de análise do objeto de estudo, foi necessário, resolver uma problemática apontada por Kehl (2008) sobre a representação do ressentimento social, diz:

Discordo da posição de Max Scheler para quem o desejo de vingança por si só configura o ressentimento. Para que isso ocorra é preciso que o ofendido se mantenha em um eterno adiamento da resolução do agravo, sem se atrever a vingar-se e sem perdoar a ofensa (KEHL, 2004, p. 19).

De fato, enquanto ressentido, o indivíduo não revela o seu ressentimento, pois como bem definiu Barthes (2003) ele é repercussão sofrida no próprio corpo imaginário. No interior do corpo imaginário, o tempo não passa, é sempre tempo daquele agravo.

Visto por essa perspectiva, qualquer modo de externar o ressentimento é um modo de dar fim ao seu tempo repetitivo. Porém, é na ocasião de seu fim, que ele configura numa cura, ainda que seja de forma destrutiva, como um ato de vingança, inveja ou ódio. Essas figuras ou cenas funcionam como vestígios, são invólucros vazios que uma vez contiveram o ressentimento.

O ressentimento é caleidoscópico. Deleuze (2006) encontra nele a figura da resignação, e o obscurece em seguida – “ele [o ressentimento] que, em verdade, tantas figuras possui” (DELEUZE, 2006, p. 152). Bachelard (1998) encontrou a *vingança*

*simbólica do ressentimento*. Ele fala das mulheres que perderam seus maridos para o mar e que, ressentidas, fustigam com a vara as ondas, como flagelassem a epiderme das águas.

Mais adiante, Baudrillard (1991), ao entregar-se ao niilismo, vê o ressentimento no *spleen* de Baudelaire, na melancolia que foi gerada pela tentativa de equilíbrio de um sistema saturado de sentido e, por tanto, sem sentido algum.

A partir disso, foram traçadas as seguintes categorias de análise para a Revista Veja: Raiva, vitimização, desejo de vingança, desprezo, inveja, agravo (como ofensa), traição, ameaça e o ressentir-se.

### O ressentimento social na Revista Veja.

Foram analisadas três edições da revista Veja, compreendendo os números que vão de 2326 até 2328 que estão abarcados no período de junho e julho de 2013.

Com a pesquisa, foi constatado que a revista Veja não apresentava em suas reportagens uma causa justa nos protestos das manifestações. Qualquer autoridade foi atacada pelos manifestantes, atingindo tanto o poder executivo, judiciário e legislativo.

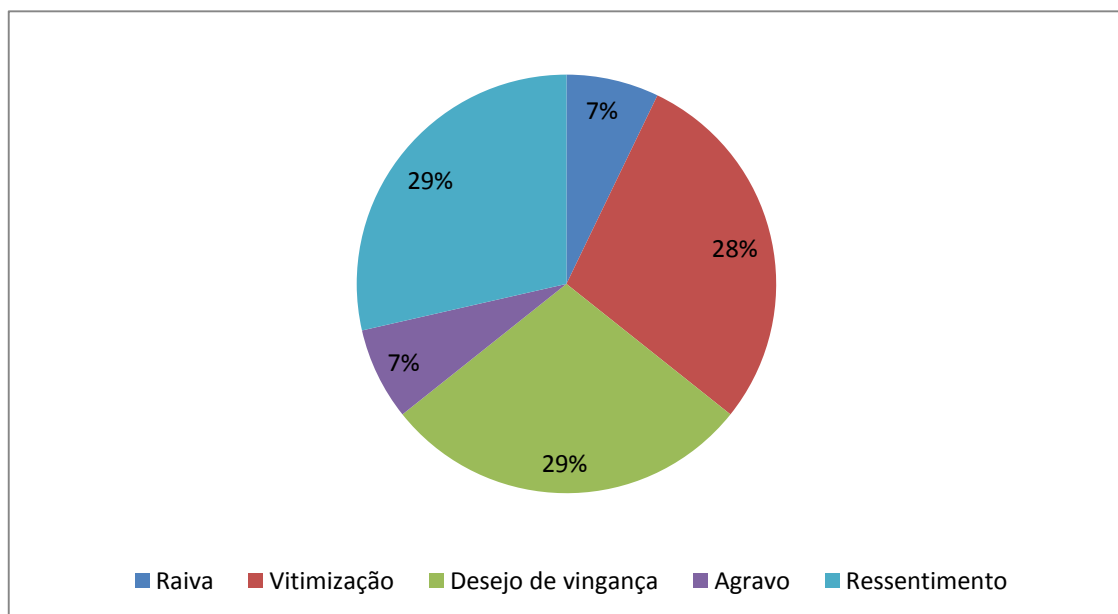


Gráfico 1: Resultado da Análise de Conteúdo da Revista Veja Edição 2326.

Na análise da Edição 2326, foram detectadas, na maior parte, as categorias de desejo de vingança e ressentimento com 29% cada e vitimização com 28%, ficando com 7% cada a raiva e o agravo. A vitimização é um fator importante aqui, afinal de contas,

é o efeito da validação dos argumentos do ressentido. Para Kehl (2004), “quanto mais os motivos da queixa encontram validação na realidade social a que pertence o sujeito ressentido, mais difícil é fazer com que ele se desloque do lugar de vítima” (KEHL, 2004, p.33).

A categoria de Vitimização era contabilizada em momentos discursivos como este: “A população está participando porque entendeu que a causa é de todos, não só de quem usa ônibus” (VEJA, 2013a, p. 88).

Do mesmo modo, via-se em fragmentos como este, a demonstração de ressentimento:

A história recente mostra que, mesmo quando nem eles próprios sabem contra o que exatamente se rebelam, os jovens, quando vão às ruas protestar, precisam ser ouvidos. Nesses momentos deve-se aplicar o princípio básico da medicina chinesa para cujos pacientes “a queixa é a doença” (VEJA, 2013a, p. 92).

Mais adiante, entrelaçados na mesma matéria, apareciam evidências claras que se encaixavam em desejo de vingança: “A polícia é vista como uma instituição corrupta, que abusa da força, como no Egito, as pessoas vão revidar quando tiverem a oportunidade” (VEJA, 2013a, p.92).

Os recortes mostram que as várias figuras do ressentimento social aparecem de forma entrelaçada, ainda que separadas com intuito de quantificá-las, essa multiplicidade de figuras é uma das características para precisar a sua existência.

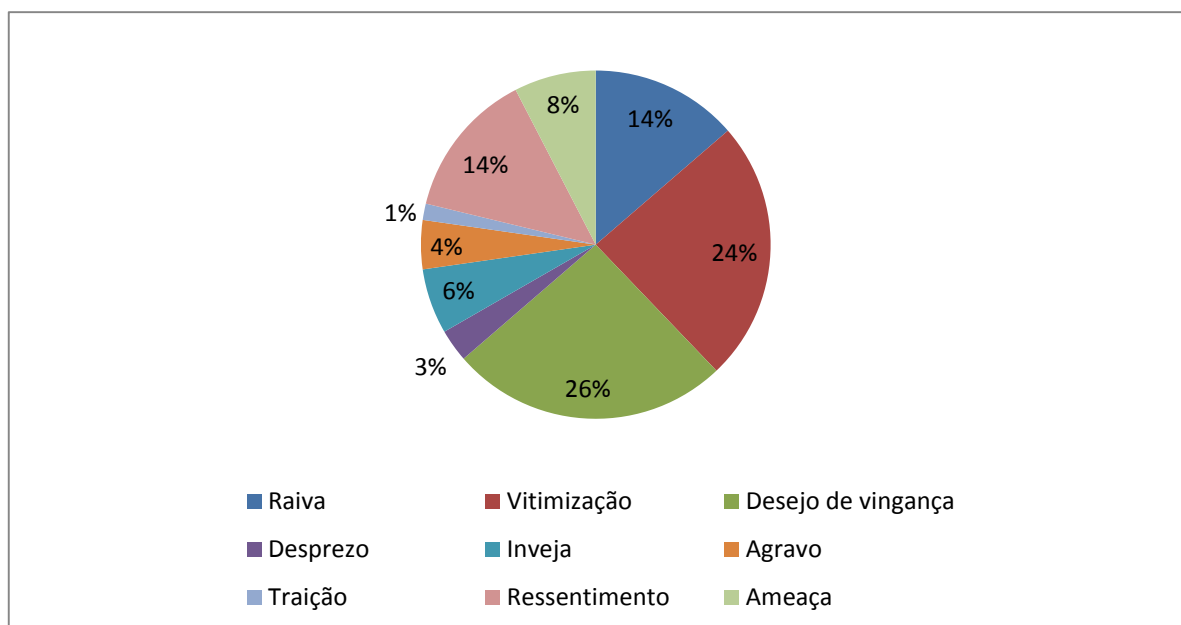


Gráfico 2: Resultado da Análise Textual da Revista Veja Edição 2327.





A edição 2327 da revista *Veja*, intitulada por “Edição Histórica, os sete dias que mudaram o Brasil”, foi dedicada às manifestações.

Diferentemente da edição 2326, a edição 2327 da revista *Veja* teve uma crescente dedicação à cobertura das manifestações. Começando pelo número de páginas, embora as duas tenham sido matéria de capa, a “Edição Histórica”, teve 31 páginas dedicadas às manifestações. Além disso, algo muito relevante para a pesquisa, foi o discurso de 119 brasileiros de oito cidades em que ocorreram as manifestações, de várias faixas etárias, classes sociais, de estudantes à atores de televisão. Os entrevistados falaram da importância de estar nas ruas, alguns reclamavam, outros elogiavam, mas algo que ficou marcado nestes discursos foram as figuras de ressentimento.

Em comparação com a edição 2326, a Edição História cresceu cerca de 400% em figuras de ressentimento, passando, então, a surgir figuras que antes não foram detectadas. Algo que não se explica pela quantidade de páginas destinadas à cobertura, mas sim, pelo discurso dos 119 brasileiros, no qual o ressentimento estava presente na maioria deles.

O desprezo, a inveja, a traição e a ameaça passaram a estar presentes. A raiva passou de 7% na edição 2326 para 14% na Edição Histórica, por outro lado, a vitimização teve uma ligeira queda, de 28% na edição 2326, para 24% na Edição Histórica, o que aconteceu com o desejo de vingança, que passou de 29% para 26% na Edição Histórica.

A categoria de desprezo foi caracterizada em recortes que faziam alusão ao desdém à ordem política, como neste fragmento: “Hoje é o dia mais feliz da minha vida, conseguimos implantar o caos” (VEJA, 2013b, p. 90).

Já a inveja, era figurada em fragmentos como este:

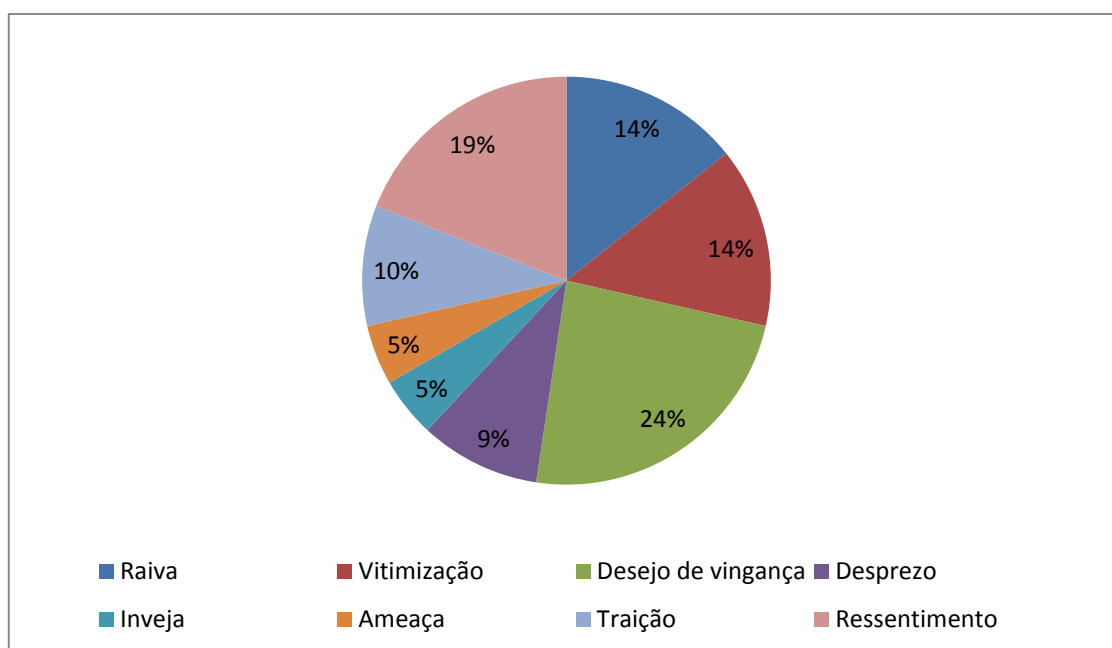
Os Brasileiros que estão indo às ruas não admitem mais ser usado como massa de manobra por partidos políticos profissionais. Alguns exibiram cartazes com dizeres anarquistas, como o que proclamava que “o povo unido não precisa de partido” (VEJA, 2013b, p. 90).

Era perceptível que os participantes das manifestações queriam para si a representatividade do partido, como bem assinalou Zuenir Ventura (1998) ao definir a inveja como um não querer que o outro tenha.

Já a categoria de traição era encontrada em recortes que expressavam a quebra de um acordo tácito realizado entre o governo e governados como neste trecho:

A voz que vem das ruas é a da carência de serviços públicos decentes; a de muitos que estão cansados de promessas. Chega de tanta hipocrisia. Que a voz das ruas ecoe mais alto nas urnas em 2014 (VEJA, 2013b, p.32).

Foi possível perceber que os entrevistados requeriam um direito não cumprido, e cada qual trazia a sua reivindicação, como se ninguém, nem o outro e muito menos as instituições políticas tivessem competência para representá-lo. Fato que dialoga muito bem com Bruckner quando fala de uma vitimologia que se produz num Estado de direito, diz: “cada um se torna porta-voz da sua particularidade, inclusive o indivíduo, a menor minoria existente, e reivindica a permissão de perseguir os outros, que lhe fazem sombra” (BRUCKNER, 1997, p.117).



**Gráfico 3: Resultado da Análise Textual da Revista Veja Edição 2328.**

Nessa edição, assim como nas outras, é perceptível a presença do desejo de vingança (24%), seguido pelo ressentimento com 19% dos escores, raiva e vitimização com 14% cada.

A raiva foi encontrada em fragmentos que expressavam inconformidades aos direitos da classe política.

Se todo mundo leva trinta, 35 anos para se aposentar, não tem cabimento haver parlamentares que, após oito anos de mandato,



trabalhando três vezes por semana já recebam aposentadoria (VEJA, 2013c, p. 17).

Vale destacar aqui, os 10% para a traição. Escore que eximi, pelo menos um indício, o ressentido de qualquer culpa. “O sujeito parece querer expulsar de si toda a responsabilidade em relação à causa de seu sofrimento” (KEHL, 2004, p.41).

### **Apreciação Crítica**

Como pode ser observado, as figuras do ressentimento social foram representadas pelas edições da revista Veja que fizeram a cobertura das manifestações sociais.

Os gráficos apresentados aqui, não aparecem por acaso, eles traduzem a perspectiva da revista Veja no período em que as manifestações (Junho de 2013) foram tidas como acontecimento. São as edições que davam maior espaço para os fatos.

Diante disso, é relevante perceber como que de uma edição para outra (edição 2326 para a 2327) há um aumento significativo das figuras e cenas que representam o ressentimento social. Já na edição 2328, há uma crescente de um sentimento de traição (conforme o Gráfico 3) que denuncia e arregimenta um caminho para a vitimização e, evidentemente, para um percurso de novos ressentimentos.

Esses resultados suscitam mais dúvidas do que respostas, é certo. Ao olharmos para as eleições 2014 por exemplo, principalmente para presidente, sem discutir mérito, temos o mesmo ator social daquele momento em 2013, por quê?

Será que, como afirma Kehl (2004), o ressentido é um conservador, ainda mais quando se beneficia da ordem atual? Ou será que as grandes corporações midiáticas venceram, e o discurso da vitimização é o discurso infantilizante do qual fala Ramonet (2003) e, por isso, é impossível construir uma contracomunicação?

A representação do ressentimento social, por meio de suas figuras, como evidenciado por esta pesquisa, pode servir como um mecanismo para acalmar as tensões sociais?

Podem os dispositivos de comunicação, criarem uma vingança imaginária, da qual fala Scheller (1944) e Kehl (2004) e, por conta disso, conter o lado mais sombrio da vitimização, isto é, como afirma Bruckner (1997, p.210) “a negação ativa do conceito de humanidade, a convocação aberta ao homicídio”?



São questionamentos como estes que nos instiga ainda mais a continuar a pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ANSART, P. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Org.). **Memória e (Res)Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível.** Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 15-36.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** 6 ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação.** Lisboa/Portugal: Relógio D'água, 1991.

BEY, H. TAZ: **Zona Autônoma Temporária.** 2ª Ed. São Paulo: Conrad Editora, 2004.

BORÓN, A. Os “novos Leviatãs” e a *polis* democrática: neoliberalismo, decomposição estatal e decadência da democracia na América Latina. In. SADER, E. GENTILI, P. (Orgs). **Pós-neoliberalismo II: Que Estado para que democracia?** São Paulo, Editora Vozes, 5ª Ed., 2009. p. 7- 67.

BRUCKNER, P. **A tentação do inocência.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CAMMAERTS, B. Lógicas de protesto e a estrutura de oportunidade de mediação. **Revista Matrizes**, V.7, n.2, jul./dez. São Paulo, 2013. p. 13-36.

CAUNE, J. **Cultura e Comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação.** São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DEBRAY, R. **Curso de Midiologia Geral.** Petrópolis, RJ:Vozes, 1993.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido.**São Paulo:Perspectiva, 2006.

FONSECA JR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo:Atlas, 2011. p. 280-304.



KEHL, M. R. **Ressentimento**. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PERUZZO, C. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?). **Revista Matrizes**, V.7, n.2, jul./dez. São Paulo, 2013. p. 73-93.

PONDÉ, L. F. **A Era do Ressentimento**: Uma agenda para o contemporâneo. São Paulo:Leya, 2014.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**: Uma polêmica. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

PASCHOAL, A. E. As formas do Ressentimento na filosofia de Nietzsche. **Revista Philósofos**. Goiás, v. 13, n. 1.jan./jun., p. 11-33, 2008.

RAMONET, I. O poder midiático. *In*: MORAES, D. (Org.) **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro:Record, 2003. p. 243-252.

RIBEIRO, R. J. O Brasil e a democracia de protesto. **Revista Matrizes**, V.8, n.1, jan./jun. São Paulo, 2014. p. 93-117.

SCHELER, M. **El Resentimiento en la moral**. Biblioteca Filosófica. Argentina: Espasa – Calpe Argentina, 1944.

VEJA. **Edição 2326**, ano 46, n.25, 19 de junho. São Paulo: Editora Abril, 2013a.

VEJA. **Edição 2327**, ano 46, n.26, 26 de junho. São Paulo: Editora Abril, 2013b.

VEJA. **Edição 2328**, ano 46, n.27, 3 de julho. São Paulo: Editora Abril, 2013c.

VENTURA, Z. **Inveja** – Mal Secreto. Col. Plenos Pecados. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.